dispositiva
Revista Interinstitucional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC Minas e da UFMG
PUC Minas
UFMG

#BRASILSOBERANO NO INSTAGRAM
UMA DISPUTA DE SENTIDOS SOBRE A NAÇÃO NO ESPAÇO DIGITAL

#BRASILSOBERANO ON INSTAGRAM: A DISPUTE OF MEANINGS ABOUT THE NATION IN DIGITAL SPACE

Natali Silveira Rocha[1]
Maristela Cardoso da Rosa[2]
Karina Giacomelli[3]

Resumo
Este estudo analisa os discursos produzidos em torno da hashtag #Brasilsoberano no Instagram, a partir de seis postagens públicas veiculadas em Mídias Sociais, entre 31 de julho e 1º de agosto de 2025, período de intensos debates políticos. Delineia-se, como problema de pesquisa, a seguinte questão: de que maneira os sentidos de soberania nacional são discursivamente disputados e ressignificados nessa arena virtual a partir do entrecruzamento de vozes heteroglossas? A metodologia fundamenta-se na Análise do Discurso, com base em Sobral e Giacomelli (2016), organizada em descrição, análise e interpretação. Os resultados indicam a mobilização de sentidos diversos: enquanto algumas postagens utilizam humor e memes como estratégia de engajamento, outras celebram supostas conquistas nacionais ou integram um sistema de conteúdos desinformativos, em contraste com publicações que apresentam dados verificáveis. À luz da teoria dialógica de Bakhtin e seu conceito de Heteroglossia, o estudo evidencia a disputa de sentidos e o entrecruzamento de vozes, demonstrando como a hashtag configura-se como um vetor das arenas discursivas nos ambientes on-line. A análise também permite investigar criticamente os modos de construção da verdade no espaço digital.

Palavras-chave:
Soberania; Hashtags; Análise Dialógica do Discurso; Desinformação; Heteroglossia.

Abstract:
This study analyzes the discourses generated around the hashtag #Brasilsoberano on Instagram, based on six public social media posts shared between July 31 and August 1, 2025—a period of intense political debate. The research problem is defined by the following question: how are meanings of national sovereignty discursively contested and re-signified in this virtual arena through the interplay of heteroglossic voices? The methodology is grounded in Discourse Analysis—drawing on Sobral and Giacomelli (2016) – and is structured around description, analysis, and interpretation. The results reveal the mobilization of diverse meanings: while some posts employ humor and memes as engagement strategies, others celebrate alleged national achievements or form part of a system of disinformation, contrasting with publications that present verifiable data. Informed by Bakhtin's dialogic theory and his concept of heteroglossia, the study highlights the contestation of meanings and the interplay of voices, demonstrating how the hashtag functions as a vehicle for discursive arenas in online environments. The analysis also enables a critical examination of how truth is constructed within the digital space.

Keywords:
Sovereignty; Hashtags; Dialogic Discourse Analysis; Disinformation; Heteroglossia.

1 Doutoranda em Letras, Universidade Federal de Pelotas (UFPel), natali.silveira1@gmail.com, https://orcid.org/0009-0007-8945-4648, http://lattes.cnpq.br/5427051801932586.
2 Doutoranda em Letras, Universidade Federal de Pelotas (UFPel), cardosodarosamaristela@gmail.com, https://orcid.org/0009-0005-6524-0106, http://lattes.cnpq.br/4129747775569906.
3 Doutora em Letras, Universidade Federal de Pelotas (UFPel), karina.giacomelli@gmail.com, http://lattes.cnpq.br/0288454660583513ail.com, http://lattes.cnpq.br/0288454660583513

// ISSN: 2237-9967 // DOI: https://doi.org/10.5752/P.2237-9967.2026v15e36900

Soberania em rede: o discurso de um Brasil soberano

Entre o final de julho e o início de agosto de 2025, o cenário político brasileiro foi marcado por intensos debates acerca da soberania nacional, impulsionados pela imposição de uma tarifa de 50% sobre produtos brasileiros pelo governo de Donald Trump. O governo norte-americano justificou a medida como uma ação "recíproca" para equilibrar a balança comercial, além de utilizá-la como retaliação aos processos judiciais contra o ex-presidente Jair Bolsonaro, classificados por Trump como ameaças à "regra da lei".

Embora tal debate ganhe força nesse contexto específico, a circulação da hashtag #Brasilsoberano não é inédita, remontando a episódios anteriores, como em 2017, em que estava fortemente ligada a debates sobre a defesa do patrimônio nacional, o desenvolvimento da indústria brasileira e a oposição à venda de estatais e de recursos naturais, como o petróleo do pré-sal. Nesse contexto, era um termo muito utilizado nas redes sociais por movimentos sociais, sindicatos, partidos de centro-esquerda e grupos nacionalistas. Esse fato é o que evidencia sua reatualização em diferentes conjunturas políticas. Esse deslocamento temporal reforça o caráter histórico e dinâmico da disputa de sentidos no contexto político, em que enunciados são retomados, ressignificados e tensionados nos espaços social e digital. O fenômeno não se restringe aos canais oficiais, mas transborda para as redes sociais, transformando hashtags como #Brasilsoberano em verdadeiros campos de batalha simbólica, nos quais se confrontam visões divergentes sobre soberania e pertencimento.

Nesste sentido, este artigo investiga esses discursos no Instagram, utilizando a Análise Dialógica do Discurso (ADD) de Bakhtin para compreender como vozes se entrecruzam e disputam diferentes projetos de nação. Metodologicamente, a pesquisa baseia-se em uma coleta de dados que identificou aproximadamente 26,6 mil publicações, das quais selecionamos um corpus representativo da polifonia digital do período.

O conceito de soberania, em sua formulação clássica, remonta a Jean Bodin, que a define como o poder absoluto e perpétuo de uma república. Segundo Barros (1996), Bodin concebe a soberania como uma autoridade suprema que não reconhece nenhum poder acima de si, sendo indivisível e permanente, ainda que exercida por diferentes formas de governo. Essa noção se articula historicamente à consolidação dos Estados modernos e à centralização do poder político. Contudo, no cenário contemporâneo, especialmente em meio às transformações provocadas pelas tecnologias digitais, o conceito de soberania adquire novos contornos discursivos, sendo frequentemente apropriado, ressignificado e disputado em espaços como as redes sociais. Plataformas como o Instagram se configuram não apenas como meios de circulação de conteúdos, mas como ambientes de enunciação, onde se produzem e se tensionam sentidos sobre identidade nacional, pertencimento e autoridade. Nesse contexto, o uso da hashtag #bBrasilsoberano emerge como uma prática discursiva que condensa múltiplas vozes sociais e ideológicas em torno de diferentes visões de Brasil e de soberania.

// ISSN: 2237-9967 // DOI: https://doi.org/10.5752/P.2237-9967.2026v15e36900

A soberania é um conceito complexo e que exige apropriação de conhecimentos históricos, geralmente está vinculado ao poder de um determinado Estado sobre um determinado território. Ao longo do tempo, no entanto, o conceito foi se complexificando. A soberania passou a ser tensionada por diferentes fenômenos históricos e políticos, como a globalização, a interdependência econômica, os acordos multilaterais, a ascensão de organizações supranacionais e, mais recentemente, os fluxos comunicacionais mediados pelas tecnologias digitais. Em meio a esse cenário, novas perguntas emergem: quem exerce hoje o poder soberano? Quais vozes têm legitimidade para falar em nome da nação? Como o conceito de soberania é apropriado e ressignificado em contextos de crise política, desinformação e polarização ideológica? Raquel Recuero cita em sua obra mais recente: "Ora, todo o Estado, para que o seja, precisa de um território e uma população, sobre os quais sua autoridade é construída. A soberania, assim, é uma forma de poder" (Recuero, 2024, p. 140).

A tradição moderna de pensamento sobre soberania foi retomada com novas ênfases por Carl Schmitt, teórico alemão do século XX, cuja concepção associa o poder soberano à capacidade de decidir diante de situações-limite. Em sua formulação mais célebre, o autor afirma: "Soberano é aquele que decide sobre o estado de exceção" (Schmitt, 1922, p. 13). Com essa definição, Schmitt desloca o foco da soberania para o campo da decisão política, especialmente aquela tomada em momentos de crise, quando a legalidade pode ser temporariamente suspensa em nome da preservação da ordem estatal. Em tempos de normalidade institucional, a soberania permanece em latência, adormecida, até ser despertada por situações excepcionais que exigem ações fora do padrão jurídico ordinário.

Esse entendimento enfatiza a soberania como uma potência de ruptura, que se realiza plenamente no embate contra ameaças à estabilidade do Estado, visto que "um Estado soberano é o que detém o poder da lei e da manutenção da lei em seu território" (Recuero, 2024, p. 141). Tal noção tem sido mobilizada, reconfigurada e até radicalizada por discursos contemporâneos que circulam nas redes sociais, nos quais a figura do soberano é muitas vezes associada a líderes fortes, ações autoritárias ou intervenções "em nome do povo".

Hashtags em disputa: sentidos de nação e soberania em circulação acelerada

Esta pesquisa parte de um levantamento exploratório realizado na plataforma Instagram, no dia 31/07/2025, a partir da busca pela hashtag #Brasilsoberano. Nessa etapa inicial de mapeamento do corpus, foram identificadas aproximadamente 26,6 mil publicações públicas que utilizam o termo como título ou como parte do enunciado textual. Os procedimentos de coleta, critérios de seleção e recorte temporal serão detalhados na seção metodológica. Esse volume expressivo evidencia o alcance e a relevância discursiva da hashtag no ambiente digital, revelando-a como um marcador ideológico e político em circulação. Com o advento da internet e a massificação das

// ISSN: 2237-9967 // DOI: https://doi.org/10.5752/P.2237-9967.2026v15e36900

redes sociais, o campo da comunicação mediada por computador tornou-se objeto de interesse de diversas áreas do conhecimento, dada sua capacidade de reconfigurar as relações sociais.

Diante disso, torna-se essencial refletir sobre os fenômenos sociais, ideológicos e políticos que atravessam as interações virtuais. As hashtags, nesse contexto, não funcionam apenas como marcadores temáticos, mas como dispositivos discursivos que condensam posicionamentos e agrupam discursos que compartilham – ou confrontam – determinadas visões de mundo. No caso da #Brasilsoberano, o que se observa é a emergência de um campo de disputa simbólica em torno da ideia de nação, soberania e pertencimento, mobilizando um vocabulário carregado de afetos, memórias, tensões e estratégias retóricas que demandam uma análise crítica e dialógica.

> As informações que circulam nas redes sociais assim tornam-se persistentes, capazes de ser buscadas e organizadas, direcionadas a audiências invisíveis e facilmente replicáveis. A essas características soma-se o fato de que a circulação de informações é também uma circulação de valor social, que gera impactos na rede (Recuero, 2009, p. 5).

Nesse cenário, plataformas como o Instagram se distanciam de qualquer suposta neutralidade, operando como sistemas performativos e desinformativos. Elas organizam o comportamento dos usuários por meio das funcionalidades, condicionando as formas de visibilidade ao amplificar discursos enviesados, polarizados ou falsos. Conforme apontam Dantas (2018) e Seymour (2020), esses ambientes são estruturados por lógicas algorítmicas que priorizam o engajamento em detrimento da veracidade, gerando bolhas informacionais e alimentando ecossistemas de desinformação, o que obviamente se torna um problema para a soberania dos países, conforme aponta Recuero (2024, p.141):

> A desinformação, assim, apresenta um óbvio problema para a soberania dos países. Os sistemas desinformativos, conforme explicamos, são constituídos também pelos sistemas das plataformas e buscam influenciar as populações através das interações entre elas e os atores sociais.

O caráter performativo das plataformas se manifesta na maneira como os sujeitos encenam e constroem suas identidades discursivas, marcando posicionamentos ideológicos por meio de signos como emojis, hashtags, filtros, enunciados replicáveis, entre outros. No caso da hashtag #Brasilsoberano, por exemplo, há uma estética verbal e visual que compõe performances de pertencimento político. Essa estética se materializa, no plano visual, pelo uso recorrente de símbolos pátrios (como a bandeira nacional e as cores verde e amarelo), filtros que saturam as cores para transmitir vigor e o uso de emojis de força ou celebração institucional.

Simultaneamente, o caráter desinformativo desses espaços se expressa na circulação de conteúdos que distorcem fatos, manipulam dados ou apelam a

teorias conspiratórias, apresentando-se como "informação alternativa" ou "voz do povo". Essas práticas discursivas desafiam as fronteiras entre o verdadeiro e o falso, o opinativo e o factual, o que torna o estudo da hashtag não apenas uma análise de discurso, mas uma investigação crítica dos modos contemporâneos de construção da verdade no espaço digital.

Compreender, portanto, o funcionamento das plataformas como arenas de disputa simbólica e técnica é fundamental para uma análise mais profunda das hashtags políticas. Elas condensam sentidos, mobilizam afetos e encenam posições, mas também revelam os mecanismos pelos quais a desinformação é produzida, legitimada e compartilhada em larga escala, muitas vezes sob a aparência de engajamento cidadão ou defesa da soberania nacional.

A circulação de conteúdos desinformativos em situações emergenciais evidencia os riscos sociais, políticos e comunicacionais que a desinformação pode produzir. Pereira e Kochhann (2024) destacam que, em momentos de crise, a desinformação compromete a logística de atendimento às vítimas, gera pânico, deslegitima ações públicas e pode até dificultar o acesso a recursos básicos. Os autores ressaltam que, em contextos de alta emocionalidade e vulnerabilidade, a circulação de informações falsas se intensifica, explorando sentimentos como medo, insegurança e indignação. Como sublinha Recuero (2024, p. 24), "os sistemas desinformativos se estruturam em redes de confiança, afetividade e ideologia, sendo fundamentais estratégias discursivas que disputam os sentidos no espaço público com base em responsabilidade ética e engajamento crítico".

A desinformação, no contexto digital contemporâneo, é um fenômeno discursivo complexo, atravessado por dinâmicas sociais, políticas, ideológicas e tecnológicas. No presente estudo, interessa compreender como determinados enunciados circulam e ganham visibilidade na plataforma Instagram a partir da hashtag #Brasilsoberano, assumindo o formato de memes, comentários irônicos, opiniões pessoais, ou ainda conteúdos que se apresentam como "dados" ou "notícias", mas que nem sempre estão ancorados em informações verificáveis. Esse tipo de circulação evidencia o funcionamento de uma rede de enunciados que opera com finalidades diversas, que vão desde o entretenimento até a manipulação de percepções sociais, e que, em muitos casos, se apresenta no que hoje chamamos de desinformação.

> O conteúdo sensacionalista desse material, adequado ao momento de pânico, ajudava. "Melhor avisar", explicavam, "do que não falar nada para os conhecidos"... (Recuero, 2024, p. 15).

Embora a circulação de boatos, meias-verdades e mentiras não seja uma novidade histórica, as plataformas de mídia social ampliaram exponencialmente a velocidade e o alcance desses conteúdos. A desinformação nas redes não apenas se espalha com rapidez, mas também se constitui como um sistema que articula vozes, sentidos e interesses, funcionando como ferramenta de interferência simbólica e

política. Muitas vezes, essa rede é alimentada por atores estratégicos, sejam perfis automatizados, influenciadores digitais ou usuários comuns, e visa influenciar a opinião pública, tensionar valores coletivos ou desestabilizar crenças consolidadas. Como Recuero (2024, p.16) nos diz:

> A tese que apresentamos aqui, é a de que a desinformação, como a compreendemos hoje, é um problema sistêmico e que, como tal, não pode ser compreendida apenas como um objeto material ou enfrentado por uma única estratégia. Como fenômeno sistêmico, ela foi potencializada como elemento entrópico dos sistemas sociais a partir do seu acoplamento com os sistemas das plataformas de mídia social.

No campo discursivo, não se trata apenas de identificar o que é falso ou verdadeiro, mas de compreender os sentidos que determinados enunciados produzem, "partimos do princípio de que é preciso compreender a desinformação como parte de um sistema desinformativo" (Recuero, 2024, p.17). A desinformação pode estar ancorada em dados verdadeiros retirados de contexto, em narrativas com forte apelo emocional ou em discursos que exploram marcas de verossimilhança. Dessa forma, ela cria uma aparência de verdade, desorienta os sujeitos e interfere na produção de sentidos sobre eventos políticos relevantes, como os debates recentes sobre a soberania nacional.

O fenômeno, portanto, não pode ser reduzido à noção de "fake news", mas deve ser compreendido como parte de um ecossistema comunicacional que estimula a circulação de conteúdos sensacionalistas, fragmentados e descontextualizados, gerando ruído informativo. Para compreendermos como a desinformação atua nos sistemas digitais, é necessário, antes, refletir sobre o próprio conceito de informação dentro desses contextos.

O filósofo Luciano Floridi (2010, 2011), referência na chamada "filosofia da informação", propõe que, para que um conteúdo seja considerado informacional, ele precisa apresentar três características essenciais: deve ter sentido, ser verdadeiro e estar organizado de modo compreensível e utilizável. Desse modo, a desinformação, enquanto conteúdo que falseia ou distorce essas características, não seria, tecnicamente, uma forma de informação, mas sim uma sua disfunção. Floridi reconhece a complexidade que envolve o fenômeno da desinformação, entendendo-a também como uma manipulação intencional da realidade, que atua diretamente nos processos de produção e de circulação de sentido. Assim, podemos compreendê-la não como uma simples ausência de verdade, mas como uma falha estratégica no fluxo informacional, ou ainda, uma perturbação no sistema com capacidade de gerar efeitos sociais, políticos e ideológicos.

Nesse sentido, ao deslocarmos essa compreensão para uma perspectiva discursiva, torna-se fundamental considerar que tais perturbações não operam de forma isolada, mas se constituem na dinâmica da interação verbal. Como afirma Valentin Volóchinov (2017, p. 251), "a unidade real da linguagem não é o enunciado isolado monológico, mas a interação de, pelo menos, dois enunciados, isto é, o diálogo". Desse

modo, a desinformação pode ser compreendida como um fenômeno que se produz e se estabiliza no embate entre vozes, no interior de cadeias enunciativas concretas.

Para Bakhtin, a linguagem nunca é neutra nem homogênea. Todo enunciado está sempre em diálogo com outros enunciados, anteriores e simultâneos, trazendo consigo ecos de vozes sociais diversas. Essas vozes podem se apoiar, se sobrepor ou se contrapor, e é nessa tensão que o sentido se produz. "A língua é, por sua própria natureza, heteroglóssica" (Bakhtin, 2011, p. 279). O autor vai se referir à coexistência de múltiplas vozes, discursos e perspectivas dentro de um único texto ou contexto social, conceituando-a como heteroglossia.

> O discurso vivo e corrente está imediata e diretamente determinado pelo discurso-resposta futuro: ele é que provoca esta resposta, pressente-a e baseia-se nela. Ao se constituir na atmosfera do "já dito", o discurso é orientado ao mesmo tempo para o discurso-resposta que ainda não foi dito, discurso, porém, que foi solicitado a surgir e que já era esperado. Assim, é todo diálogo vivo (Bakhtin 2002, p.89).

Se a poliglossia se refere à existência de várias línguas e culturas em um mesmo espaço (ou seja, ao multilinguismo e ao multiculturalismo), a heteroglossia, conceito desenvolvido por Bakhtin, trata da diversidade dentro de uma mesma língua, ou seja, da convivência de múltiplas vozes, estilos, perspectivas e marcas sociais em um único idioma. Aquilo que parecia uniforme e estável na língua se revela, na verdade, dividido, tenso, múltiplo. A heteroglossia mostra que toda língua nacional é um sistema composto por diferentes modos de falar, os socioletos (variações linguísticas ligadas a grupos sociais) e os idioletos (maneiras individuais de usar a língua). Essa mistura de vozes e estilos cria uma espécie de polifonia interna, marcada por tensões e discordâncias, conforme nos diz Bakhtin (2002, p. 89): "Todo discurso é orientado para a resposta e ele não pode esquivar-se à influência profunda do discurso da resposta antecipada".

Esse conceito Bakhtiniano é fundamental para entendermos como as redes discursivas são construídas de forma que todos os enunciados são respostas a outros enunciados já ditos, como nos diz Bakhtin (2016, p. 1092), "antes mesmo de começar a dizer alguma coisa, o locutor já pensa nas respostas que já ouviu ao que vai dizer ou no que já ouvir ser dito sobre isso". Ao analisarmos a circulação da hashtag #Brasilsoberano no Instagram, observamos uma intensa disputa simbólica em torno dos sentidos atribuídos à ideia de "soberania nacional". A hashtag funciona como um ponto de condensação discursiva, reunindo diferentes vozes sociais, políticas e ideológicas que produzem sentidos contrastantes sobre o Brasil, o Estado e o futuro da nação.

Podemos falar que heteroglossia também fará referências à presença de diferentes perspectivas e valores dentro de uma mesma língua. Aplicando essa noção ao contexto digital, percebemos que o Instagram e outras plataformas operam como espaços onde essa diversidade intralinguística se manifesta de forma acelerada e amplificada, especialmente por meio de hashtags que agregam discursos divergentes sob um mesmo assunto, neste caso, a soberania nacional. Essas plataformas operam

a partir de gêneros discursivos, nas quais, por se tratar de maneiras sociodiscursivas de operacionalização dos enunciados, os gêneros são os reguladores e organizadores do processo de interação, adaptando-se e transformando-se conforme as demandas sociais e discursivas.

> Os seres humanos agem em determinadas esferas de atividades, as da escola, as da igreja, as do trabalho num jornal, as do trabalho numa fábrica, as da política, as das relações de amizade e assim por diante. Essas esferas de atividades implicam a utilização da linguagem na forma de enunciados. Não se produzem enunciados fora das esferas de ação, o que significa que eles são determinados pelas condições específicas e pelas finalidades de cada esfera. [...] Só se age na interação, só se diz no agir e o agir motiva certos tipos de enunciados, o que quer dizer que cada esfera de utilização elabora tipos relativamente estáveis de enunciados (Fiorin, 2008, p. 61).

Para Bakhtin (2003, p. 262), "Cada esfera da atividade humana desenvolve seus próprios gêneros relativamente estáveis de enunciados, que refletem as condições específicas e finalidades dessa esfera". No ambiente das plataformas digitais, esses gêneros se reconfiguram continuamente, mesclando elementos do oral, do escrito e do visual. Ao investigarmos a hashtag, observamos como diferentes gêneros são mobilizados para ativar emoções, reforçar identidades políticas e disputar sentidos sobre a soberania nacional. Assim, compreender os gêneros que compõem essas postagens é fundamental para analisar a forma como se estruturam os discursos e como se dá a materialização da polifonia nas redes, evidenciando um espaço em que múltiplas vozes trazem o discurso do outro, no caso o discurso de um Brasil soberano.

Diante desse cenário de intensa circulação de enunciados na cultura digital, delineia-se o problema que orienta esta investigação. Busca-se responder à seguinte questão norteadora: de que maneira os sentidos de soberania nacional são discursivamente disputados e ressignificados por meio da hashtag #BrasilSoberano no Instagram, considerando o entrecruzamento de vozes heteroglossas nesse espaço virtual?

E é por meio da linguagem que os sujeitos constroem sentidos em torno da ideia de um Brasil soberano. É por meio da língua que se manifestam afetos, posicionamentos políticos e visões de mundo, seja por meio de memes, legendas irônicas ou postagens engajadas. A soberania, enquanto conceito político, adquire cores, texturas e camadas ao ser atualizada em discursos cotidianos nas redes sociais on-line. A língua, como nos lembra Bakhtin (2005, p. 41), é ideologicamente preenchida, pois "em cada momento concreto de sua formação, a língua é estratificada em camadas [...], em linguagem socioideológica". Assim, a apropriação da hashtag #Brasilsoberano pelos diferentes usuários revela uma dinâmica discursiva em que se produzem sentidos, ressignificações e deslizes semânticos que delineiam identidades coletivas e projetos concorrentes de nação.

> A estratificação e o heterodiscurso se ampliam e se aprofundam enquanto a língua está viva e em desenvolvimento; ao lado das

> forças centrípetas segue o trabalho incessante das forças centrífugas da língua, ao lado da centralização verbo ideológica e da unificação desenvolvem-se incessantemente os processos de descentralização e separação (Bakhtin, 2005, p. 41).

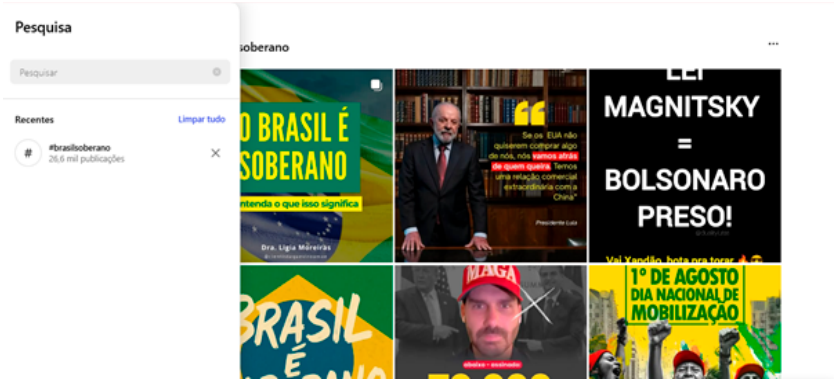
A noção de heteroglossia constitui o alicerce teórico para compreender a dinâmica discursiva presente nos enunciados analisados. Segundo Bakhtin (2015, p. 29), a heteroglossia refere-se à "estratificação interna de uma língua nacional única em dialetos sociais, modos de falar de grupos, jargões profissionais, as linguagens dos gêneros [...]", apontando para a multiplicidade de vozes, tons e formas de dizer que coexistem em uma mesma formação linguística. Essa diversidade abrange não apenas variações regionais ou profissionais, mas também diferenças marcadas por aspectos sociais, culturais, geracionais e de gênero, que moldam modos específicos de enunciação. Complementando essa visão, Faraco (2005, p. 219) define a heteroglossia como "um conjunto múltiplo e heterogêneo de vozes ou línguas sociais e [...] o contínuo processo de encontros e desencontros, de aceitação e recusa, de absorção e transmutação das vozes sociais – fenômeno que ele [Bakhtin] designa de heteroglossia dialogizada". No contexto digital, especialmente nas redes sociais como o Instagram, essa multiplicidade se manifesta de maneira intensa, evidenciada na apropriação da hashtag #Brasilsoberano, que condensa sentidos diversos – por vezes contraditórios – sobre a nação, a soberania e os projetos de futuro em disputa.

Cartografando vozes: análise das enunciações em torno da #Brasilsoberano

Os conceitos de tema, enunciado concreto, valoração e heteroglossia aqui adotados, fundamentam-se na Análise Dialógica do Discurso proposta por Bakhtin e o Círculo, com foco na relação entre locutores e interlocutores nos exemplares analisados. Para isso, mobilizam-se os procedimentos propostos por Sobral e Giacomelli (2016), organizados em três etapas: descrição, análise e interpretação. Esse percurso metodológico possibilita compreender como os enunciados se constituem na interação, evidenciando as posições enunciativas, os projetos de dizer e os sentidos em disputa no *corpus.*

A seguir, procedemos à análise detalhada dos enunciados que compõem o corpus. Inicia-se com a contextualização macro do espaço de recolha de dados. A Imagem 1, que registra o panorama geral da hashtag #BrasilSoberano no Instagram, expõe o fluxo de publicações e a diversidade de formatos que circulam na referida arena digital. Este enunciado cartográfico serve de base para extrair e isolar as unidades reais de comunicação discursiva que serão examinadas nas análises seguintes.

Imagem 1: Panorama geral



Fonte: Instagram - acesso em: 30/07/2025.

Ao realizarmos uma busca pela hashtag #Bbrasilsoberano na plataforma Instagram, identificamos a presença de aproximadamente 26,6 mil postagens públicas que utilizaram a hashtag como título ou parte dele, até a data de 30 de julho de 2025. A escolha das imagens 1, 2, 3, 4, 5 e 6, presentes neste estudo, deu-se pelas diferentes possibilidades de análise dentro da análise dialógica do discurso (ADD), e na forma em que a #Brasilsoberano foi utilizada pelos locutores, evidenciando projetos enunciativos diferentes, de forma a exemplificar como a heteroglossia manifesta-se no corpus.

O volume expressivo de publicações coincide com o contexto de intensa cobertura midiática sobre a nova política de taxação imposta pelo governo Trump aos produtos brasileiros, evidenciando como acontecimentos de ordem política e econômica repercutem de forma significativa no espaço digital, mobilizando enunciadores e ativando disputas simbólicas em torno da ideia de soberania nacional. Dentre as motivações declaradas para a imposição da tarifa de 50% sobre produtos brasileiros, o governo Trump alegou que o Brasil era responsável por contribuir para o desequilíbrio da balança comercial entre os dois países, justificando a medida como uma ação "recíproca".

Outra justificativa, amplamente noticiada pela imprensa internacional, aponta que as tarifas teriam sido adotadas como retaliação aos processos judiciais movidos contra o ex-presidente Jair Bolsonaro, os quais foram classificados por Trump como politicamente motivados e ameaçadores à "regra da lei" e aos interesses norte-americanos (Wikipédia, acesso em 02 ago. 2025). Diante desse cenário, as redes sociais, especialmente o Instagram, foram inundadas por publicações que ora manifestavam apoio ou repúdio ao posicionamento norte-americano, ora reproduziam informações imprecisas, memes ou conteúdos de caráter desinformativo, alimentando uma intensa disputa discursiva em torno da ideia de soberania nacional.

Neste ponto analisaremos os enunciados a partir de conceitos basilares da teoria bakhtiniana, como valoração, tema, discurso dialógico, e nos aprofundando em sua teoria sobre heterodiscurso e heteroglossia, partindo do pressuposto que "Todo discurso é orientado para a resposta e ele não pode esquivar-se à influência profunda do discurso da resposta antecipada" (Bakhtin, 2002, p. 89). Essa ideia de Mikhail Bakhtin é

primordial para entender como as redes discursivas são tecidas: todo enunciado é uma resposta, e todo enunciado faz parte de uma cadeia mais ampla e complexa, fluindo em uma correnteza de muitos dizeres que já foram produzidos.

Com o objetivo de fundamentar a discussão empírica deste estudo, propõe-se, a partir deste ponto, uma análise dialógica da postagem "FAZ O ELO", tomando a hashtag #Brasilsoberano como arena de disputas ideológicas no espaço digital.

Imagem 2 - Campanha pela soberania nacional e campanha cartão ELO



Fonte: Instagram - acesso em: 30/07/2025.

A imagem 2, publicada na rede social Instagram com a hashtag #Brasilsoberano, apresenta uma complexa tessitura discursiva que se constrói na intersecção entre múltiplas vozes sociais, como afirma Bakhtin (2017, p. 236), "todo enunciado é antes de tudo uma orientação avaliativa. Por isso, em um enunciado vivo, cada elemento não só significa mas também avalia". À luz da Análise Dialógica do Discurso (ADD), evidencia-se que o enunciado é resultado de um embate ideológico em curso, no qual os sentidos de soberania, pertencimento e identidade nacional são disputados em uma arena digital altamente tensionada.

O locutor se dirige a um interlocutor presumido nacionalista, crítico de uma dependência econômica e simbólica em relação aos Estados Unidos. Essa interlocução se estabelece de forma responsiva um contexto discursivo previamente instaurado por embates geopolíticos recentes, particularmente a "ameaça" tarifária atribuída ao ex-presidente Donald Trump. Quando usamos o termo "responsiva" nos inclinamos aos estudos de Volochinov (2017, p. 232) que ressalta:

> Toda compreensão é dialógica. A compreensão opõe-se ao enunciado, assim como uma réplica opõe-se a outra no diálogo. A compreensão busca uma antipalavra à palavra do falante. Apenas a compreensão de uma palavra estrangeira busca "exatamente a mesma" palavra em sua língua.

A estratégia discursiva da postagem busca mobilizar um sentimento coletivo de patriotismo e engajamento político por meio de uma ação aparentemente simples:

a substituição do cartão Visa ou Mastercard, marcas de cartões de débito e crédito originárias dos Estados Unidos, pelo nacional Elo.

O enunciador, portanto, projeta um destinatário alinhado a ideais de soberania econômica e autonomia nacional, reforçando a expectativa de que este interlocutor reconheça na escolha do cartão nacional um gesto simbólico e performático de resistência. A convocação imperativa "FAZ O ELO"[4] traduz-se em uma tentativa de produzir adesão imediata e afetiva, instaurando uma relação dialógica que antecipa concordância, compartilhamento e mobilização.

A postagem faz uso de uma composição visual e verbal altamente estratégica, evocando elementos da linguagem publicitária e política. O tom imperativo do enunciado verbal ("FAZ O ELO") associa-se a uma estética publicitária vibrante, típica de campanhas de marketing, mesclando o gesto de consumo ao engajamento político. Essas marcas funcionam como reforçadores semânticos de uma posição ideológica que valoriza o nacional em oposição ao estrangeiro, e, ao mesmo tempo, promovem a nacionalização de uma ação cotidiana, o uso de um cartão de crédito, como se fosse um gesto de militância.

O enunciado se constrói como uma réplica no sentido bakhtiniano, respondendo a discursos anteriores e se posicionando ideologicamente diante deles. O tom do texto é de enfrentamento: opõe-se ao domínio econômico das bandeiras financeiras estadunidenses, à imposição tarifária e ao que se apresenta como ameaça externa à soberania nacional. Ao mesmo tempo, o enunciado valoriza instituições brasileiras como o Banco do Brasil, a Caixa Econômica Federal e o Bradesco (como criadores do cartão Elo), erigindo-as como pilares de uma resistência econômica interna.

A postagem utiliza a imagem do presidente do TSE, Alexandre de Moraes, sorridente e com uma bandeira do Brasil ao fundo, intensificando a valoração positiva da brasilidade e da institucionalidade nacional. Contudo, tal escolha também abre espaço para leituras ambíguas: por ser uma figura pública polarizadora, sua imagem pode ser interpretada tanto como símbolo da defesa das instituições democráticas quanto como paródia ou ironia velada. Essa ambivalência produz um campo valorativo dúbio, no qual o riso pode funcionar tanto como reforço quanto como subversão da mensagem original.

Para que o enunciado produza sentido pleno, ele pressupõe uma série de conhecimentos compartilhados pelo interlocutor. Entre eles, destacam-se: o reconhecimento da marca Elo como nacional, a associação simbólica entre consumo e patriotismo, a crítica ao imperialismo econômico norte-americano, e o conhecimento do contexto geopolítico recente envolvendo o governo dos Estados Unidos e o Brasil.

Além disso, espera-se do interlocutor familiaridade com a figura pública de Alexandre de Moraes e com os embates institucionais em que está envolvido, assim como com a circulação de hashtags politizadas como #Brasilsoberano. Essa base de saberes compartilhados é fundamental para que o enunciado seja interpretado como um gesto de resistência, e não apenas como propaganda comercial.

4 Trata-se de um recurso intertextual e paródico que estabelece um diálogo imediato com o conhecido slogan político "Faz o L", amplamente utilizado na campanha e no governo de Luiz Inácio Lula da Silva. Ao transmutar o slogan eleitoral para "FAZ O ELO", o enunciador opera uma estilização discursiva no sentido bakhtiniano, deslocando um marcador de identidade político-partidária para uma esfera de engajamento econômico focado no consumo nacional, aproveitando-se da alta circulação e do apelo afetivo que o meme original possui nas redes sociais.

A postagem analisada representa um enunciado ideologicamente orientado, no qual diferentes vozes sociais (nacionalista, ativista, midiática e, potencialmente, irônica). Segundo Bakhtin (2011), todo enunciado é produzido em um contexto de interação verbal concreta, em que o sujeito falante se posiciona responsivamente diante de outros discursos. A escolha de palavras, de expressões e de construções sintáticas é orientada por uma valoração que não é meramente subjetiva ou individual, mas social e ideologicamente determinada. Como afirma o autor: "toda palavra é orientada para o outro, carrega em si a marca das intenções, das avaliações, das posições ideológicas de outrem" (Bakhtin, 2003, p. 113). Tais vozes não coexistem pacificamente, mas compõem um espaço de embate discursivo, no qual o consumo é ressignificado como gesto político e a soberania é performatizada através de símbolos cotidianos.

Ao ser inserido na cadeia discursiva digital por meio da hashtag #Brasilsoberano, o enunciado não apenas dialoga com discursos anteriores sobre a relação Brasil X EUA, mas também antecipa e provoca novos posicionamentos. A análise, a partir da ADD, revela que o discurso circula como réplica e antecipação, sendo sempre situado, responsivo, valorado e em disputa. Assim, mesmo ações aparentemente banais (como a escolha de um cartão de crédito) podem se tornar marcadores de pertencimento ideológico e arenas de embate simbólico no espaço digital.

No que concerne à próxima categoria de análise, estabelece-se o enfoque no enunciado e na soberania em disputa por meio da análise dialógica da postagem "Brasil, quem te ama, não te USA

Imagem 3 - Jogo de palavras com os nomes e as cores da bandeira do Brasil e dos EUA



Fonte: Instagram - acesso em: 30/07/2025.

Materializada na Imagem 3, essa postagem publicada pelo perfil "amusicampauta" no Instagram, com a frase "Brasil, quem te ama, não te USA", constitui um enunciado carregado de valor ideológico e responsivo. O conceito de valoração se dá em uma situação de uso concreto da linguagem em práticas sociais situadas, envolvendo interlocutores, isto é, em processos de manifestação/produção do sentido. Segundo BAKHTIN (2016, p. 1079),

> Criamos enunciados únicos a partir de outros enunciados e usamos palavras e frases não como vindos de gramáticas ou dicionários, mas a partir de seu uso em enunciados concretos, reais, ditos por alguém

// ISSN: 2237-9967 // DOI: https://doi.org/10.5752/P.2237-9967.2026v15e36900

em algum momento e lugar a alguém com uma dada intencionalidade, marcados pela valoração.

O jogo semântico entre o verbo "usar" (explorar) e a sigla "USA" (United States of América), reforçado pela sobreposição das bandeiras do Brasil e dos Estados Unidos às palavras, materializa uma crítica às relações assimétricas entre as duas nações e coloca em disputa sentidos sobre a soberania brasileira. Segundo Bakhtin (2011), todo enunciado é produzido em diálogo com outros discursos e orientado por uma posição axiológica; neste caso, observa-se a articulação entre vozes nacionalistas, anti-imperialistas e de apelo afetivo à identidade nacional ("quem te ama"), que tensionam discursos hegemônicos de cooperação ou alinhamento político com os EUA. O uso das cores e dos símbolos nacionais e estrangeiros não apenas intensifica a polifonia, que, segundo Faraco (2009, p. 77-78), "Polifonia não é, para Bakhtin, um universo de muitas vozes, mas um universo em que todas as vozes são equipolentes", mas também inscreve o enunciado em uma cadeia discursiva histórica de defesa da autonomia política e econômica do Brasil, revelando que a disputa de sentidos sobre soberania é inseparável das condições concretas de circulação e das forças sociais que as atravessam.

Avançando na tessitura analítica das postagens, propõe-se uma análise dialógica voltada ao gênero charge na arena digital, observando a sátira política como vetor de disputas ideológicas.

Imagem 4 - Charge sobre a forma como cada personalidade pública ficou após o tarifaço



Fonte: Instagram - acesso em: 30/07/2025.

Para tanto, examina-se a Imagem 4, publicada na rede social Instagram, a qual apresenta três figuras públicas: Donald Trump, Luiz Inácio Lula da Silva e Jair Bolsonaro. Nesse enunciado, o texto verbal e os elementos visuais articulam-se para comentar as consequências simbólicas de um evento denominado "tarifaço", atribuindo impactos distintos a cada personagem: Trump "saiu menor", Lula "saiu maior" e Bolsonaro "não saiu porque está de tornozeleira".

Segundo Bakhtin (2016, p. 116), "o enunciado é sempre uma unidade real da comunicação discursiva" e, aqui, ele se constitui como produto de um momento histórico concreto, situado nas tensões políticas e econômicas contemporâneas. O tema do enunciado, compreendido como o sentido singular que emerge de sua situação social

(Bakhtin, 2016), articula-se a partir de três eixos: (1) a referência ao evento político-econômico; (2) a disputa ideológica sobre a imagem de líderes nacionais e estrangeiros; (3) o uso da sátira, próprio do gênero charge, para marcar um posicionamento.

A valoração atravessa tanto a linguagem verbal quanto a composição visual. O jogo com os adjetivos "menor" e "maior" se materializa na escala das figuras: Trump aparece reduzido, Lula mantém-se ereto e confiante, enquanto Bolsonaro é representado impossibilitado de se deslocar devido a uma tornozeleira eletrônica. Tal recurso reflete o que Bakhtin (2011, p. 305) chama de "refratar" a realidade, ou seja, apresentá-la através de um ponto de vista ideologicamente marcado.

O projeto de dizer do autor da charge, portanto, está orientado para a crítica política e para a mobilização de afetos por meio do humor. Para Bakhtin (2003, p. 113), "todo enunciado é um elo na cadeia complexamente organizada de outros enunciados" e, aqui, o diálogo ocorre com discursos jornalísticos, narrativas partidárias e percepções populares sobre os três líderes. A polifonia é evidente, pois o enunciado incorpora vozes de diferentes esferas, midiática, política e jurídica, para reforçar a crítica.

No espaço digital, conforme Recuero (2021, p. 56), "o compartilhamento de conteúdos humorísticos politizados atua como forma de reforço identitário e de disputa simbólica". O Instagram, nesse sentido, funciona como arena de circulação rápida, em que a síntese humorística da charge potencializa a adesão e a viralização. Silva (2019, p. 88) complementa que "os memes e charges, ao condensarem significados em formas visualmente simples, operam como dispositivos de ancoragem de narrativas políticas", tornando-se parte ativa das batalhas discursivas.

Assim, a charge "Depois do tarifaço" extrapola o caráter de mero entretenimento: ela é um enunciado político-ideológico que atua no embate pela significação de eventos e de personagens, refratando discursos pré-existentes e intervindo no debate sobre soberania e liderança política.

Avançando na tessitura analítica deste bloco, propõe-se uma análise dialógica sobre as dinâmicas de desinformação e mimetismo midiático no espaço digital. Para tanto, examina-se a Imagem 5.

Imagem 5 - Notícia dada pelo portal G1



Fonte: Instagram - acesso em: 30/07/2025.

// ISSN: 2237-9967 // DOI: https://doi.org/10.5752/P.2237-9967.2026v15e36900

O enunciado é atravessado por uma heteroglossia marcada pelo entrelaçamento e pelo confronto de vozes sociais distintas em torno da representação das relações Brasil–EUA. Nesse contexto, a desinformação opera por meio de uma tática central de descontextualização: o uso da logomarca do portal de notícias G1 para sustentar uma manchete alterada e enviesada. Ao mimetizar a estética de um veículo de comunicação de massa, o enunciador busca conferir uma aparente legitimidade factual ao conteúdo, técnica recorrente em sistemas desinformativos para simular autoridade e neutralidade. Essa configuração funciona como uma "engrenagem de confiança" que se sustenta em redes de afetividade e ideologia. O locutor "empresta" a credibilidade da mídia tradicional para validar um projeto político específico, apelando à identificação emocional do interlocutor . Associada a essa voz, a legenda "Trump arrega e Lula vence" introduz um verbo de forte carga coloquial e pejorativa que, ao mesmo tempo em que desqualifica o presidente norte-americano, valoriza Lula como figura de coragem e firmeza diante de uma potência global. A dimensão militante e afetiva reforça-se no uso de expressões como "cabeça erguida" e "tarifinho", que minimizam o impacto de medidas econômicas externas e constroem uma imagem de autossuficiência nacional, apelando à identificação emocional com a liderança brasileira.

Essa configuração discursiva se apresenta como réplica ativa a discursos que naturalizam a subordinação do Brasil aos interesses econômicos dos EUA, tratam tarifas impostas como ameaça incontornável ou fragilizam a atuação diplomática de Lula. Ao inverter a hierarquia simbólica tradicional e representar o presidente brasileiro como estrategista vitorioso, o enunciado organiza-se em um dialogismo combativo, politicamente engajado e situado em uma cadeia discursiva de disputa amplificada pela hashtag #BrasilSoberano. Portanto, a imagem não circula como informação isolada, mas como um dispositivo desinformativo performático que refrata a realidade factual para produzir um efeito de verdade favorável a uma bolha ideológica específica.

A orientação valorativa do enunciado manifesta-se na exaltação da soberania nacional, na rejeição da submissão econômica e na valorização do conhecimento e da diplomacia, compondo uma construção simbólica de Lula como herói político, cuja vitória se inscreve tanto no campo econômico quanto no moral. Ao transformar a ameaça em "tarifinho" e a postura firme em emblema de bravura, o discurso realiza uma operação de revaloração que reposiciona o Brasil como agente autônomo e vitorioso. Inserido na hashtag #BrasilSoberano, o enunciado participa de uma arena polifônica, em que nacionalistas, críticos ao imperialismo, defensores do lulismo e opositores mobilizam a mesma marca digital para projetar diferentes sentidos de nação. Nesse ambiente, a imagem não circula isoladamente, mas como parte de um fluxo de enunciados responsivos que refratam, tensionam e disputam representações sobre o país e sua liderança política.

Finalizando a trajetória analítica proposta neste estudo, estabelece-se o exame do último enunciado do *corpus.* Para tanto, examina-se a Imagem 6.

Imagem 6 - Conteúdo desinformativo - A desinformação como objeto material



Fonte: Instagram - acesso em: 30/07/2025.

A qual retrata o ministro Alexandre de Moraes segurando uma taça de espumante, em meio a confetes e com expressão de celebração, configura-se como um enunciado fortemente responsivo e ideologicamente orientado. A cena, acompanhada da legenda irônica "Pela atenção, OBRIGADA!" e de uma lista de acontecimentos sob o título fictício "Lei Magnésio de Potássio...", apresenta-se como manifestação discursiva que combina tom comemorativo e crítica política. Segundo a perspectiva bakhtiniana, a linguagem é atravessada por múltiplas vozes sociais que, no interior do enunciado, interagem em tensão, refratando-se mutuamente. A postagem evidencia essa heteroglossia dialogizada, articulando três vozes principais:

- Voz popular e militante, marcada pelo tom informal e pela apropriação do léxico típico da cultura digital engajada (gado, Bonossauro, tetra presidente), alinhada a posicionamentos de esquerda e contrária ao bolsonarismo;

- Voz institucional da justiça, representada pela figura de Alexandre de Moraes, que assume a posição de autoridade celebrada e símbolo de estabilidade democrática;

- Voz paródica, que ressignifica discursos oposicionistas, atribuindo apelidos depreciativos a adversários, dramatizando suas derrotas e transformando o embate político em espetáculo cômico.

Essas vozes não se limitam a coexistir, mas se sobrepõem e se ironizam, estabelecendo um campo valorativo centrado na exaltação do Judiciário e do governo Lula frente a decadência e a punição da extrema-direita.

O enunciado atua como resposta ativa a discursos bolsonaristas que negam a legitimidade eleitoral de Lula ou sustentam expectativas de retorno político de Bolsonaro. Cada item da lista opera como réplica satírica que subverte expectativas do campo adversário:

- A permanência de Lula na presidência, de Alexandre de Moraes no STF e a inelegibilidade de Bolsonaro são apresentados como vitórias institucionais;

- A metáfora "tornozeleira na pata esquerda do Naro" associa a figura do ex-presidente à punição judicial e à perda de prestígio político;

- A frase "o gado continua chorando" reduz os apoiadores ao estereótipo de um grupo fragilizado e derrotado.

A postagem, assim, não apenas expressa uma opinião, mas reorganiza e ressignifica discursos alheios por meio do riso, da ironia e da paródia.

A estrutura visual é o componente central do efeito discursivo. A estética festiva (espumante, confetes, sorriso) combinada à organização textual em formato de lista remete, de forma satírica, a comunicados oficiais ou institucionais. O uso de apelidos, diminutivos e metáforas estiliza uma voz popular combativa, incorporando elementos da oralidade e da cultura digital. O exagero e o escárnio performam uma vitória política e simbólica absoluta, típica das disputas discursivas nas redes sociais, potencializando a identificação com o público-alvo e fortalecendo uma "comunidade interpretativa" em torno da hashtag #BrasilSoberano.

Nesse enunciado, a noção de soberania é reconstruída não sob um viés tradicionalista, mas como:

- Garantia do funcionamento das instituições democráticas, com destaque ao STF;

- Afirmação da legitimidade eleitoral e continuidade do governo Lula;

- Punição de agentes e de apoiadores de ações antidemocráticas, simbolizados por Bolsonaro e seu grupo político.

Essa leitura contrasta com o uso recorrente do termo "soberania" no discurso bolsonarista, frequentemente associado à legitimação de práticas autoritárias. A postagem subverte tal sentido, vinculando-o à defesa da legalidade, da justiça e da institucionalidade.

Considerações finais:

A trajetória analítica desenvolvida neste estudo demonstra que a internet possibilitou o acesso a uma escrita particular: a defesa de um sentimento de patriotismo, e que, muitas vezes, os sujeitos sequer compreendem o sentido de soberania. Mergulhados nas trocas favorecidas pelas redes sociais, indivíduos de múltiplas vivências e diversos

interesses particulares operam com conteúdos já postos e, muitas vezes, sem checar a veracidade, para reafirmar o seu lugar de fala, esse desejo de demonstrar apoio a uma nação. A análise das postagens associadas à hashtag #Brasilsoberano evidencia que, no ambiente digital, a disputa por sentidos em torno da soberania nacional é marcada por um intenso entrecruzamento de vozes, em que discursos informativos, humorísticos, celebratórios e desinformativos coexistem e se confrontam. À luz da teoria dialógica do discurso, compreendemos que essa multiplicidade não é um ruído acidental, mas expressão da própria heteroglossia constitutiva do espaço social, em que diferentes projetos de dizer buscam legitimar suas visões de país.

Nesse cenário, a circulação da desinformação não se dá isoladamente, mas articulada a estratégias discursivas que exploram afetos, ideologias e identidades coletivas. Ao mesmo tempo, conteúdos baseados em dados verificáveis disputam visibilidade, tensionando a credibilidade e a autoridade das vozes em circulação. A hashtag, assim, funciona como um ponto de condensação simbólica e política, no qual as fronteiras entre informação, opinião e propaganda se tornam fluidas.

Buscou-se, neste artigo, refletir sobre os discursos em torno da hashtag #Brasilsoberano no Instagram, evidenciando como, em contextos digitais, a soberania nacional é discursivamente disputada e ressignificada. A análise mostrou que o sentido atribuído à hashtag não é homogêneo: há postagens que recorrem ao humor e ao meme para engajar o público; outras que celebram supostas vitórias nacionais; e ainda aquelas que veiculam conteúdos desinformativos ou, em contraponto, informações verificadas e factuais. Partindo da teoria dialógica de Mikhail Bakhtin, especialmente dos conceitos de dialogismo e heteroglossia, foi possível compreender como essas postagens funcionam como enunciados que respondem a outros, atravessados por múltiplas vozes e posicionamentos ideológicos. Nesse sentido, a hashtag #Brasilsoberano configura-se como uma arena discursiva, na qual diferentes projetos de dizer e visões de nação entram em tensão. Ao materializar a heteroglossia, esses enunciados revelam que o sentido de "soberania" é instável, plural e resultado de embates contínuos, em que cada postagem se inscreve como resposta e contraponto a outras, mantendo vivo o diálogo que sustenta o próprio tecido do discurso.

Referências

BAKHTIN, MIKHAIL. O discurso no romance. In: BAKHTIN, M. **Questões de literatura e de estética**. A teoria do romance. 5 ed. Tradução de Aurora F. Bernadini et al São Paulo: Editora Hucitec, 2002. p.71-164.

BAKHTIN, MIKHAIL. **Teoria do romance** I: a estilística. Tradução, prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra; organização da edição russa de Serguei Botcharov e Vadim Kójinov. São Paulo: Editora 34, 2015.

FARACO, CARLOS ALBERTO. **Linguagem e diálogo**: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin. São Paulo: Contexto, 2009.

FLORIDI, LUCIANO. **Information**: A Very Short Introduction. Oxford: Oxford University Press, 2010.

FLORIDI, LUCIANO. **The Philosophy of Information.** Oxford: Oxford University Press, 2011.

PEREIRA, GUSTAVO TEIXEIRA DE FARIA; KOCHHANN LUCAS, MARCELLO. I**nformação, desinformação e infodemia**: análise de conteúdos divulgados sobre as enchentes no Rio Grande do Sul em 2024. Revista Comunicação Midiática, Bauru, SP, v. 19, n. 1, p. 54–76, 2024. DOI: 10.5016/4pam0d91. Disponível em: https://www2.faac.unesp.br/comunicaca omidiatica/index.php/CM/article/view/621. Acesso em: 03/08/2025

RECUERO, RAQUEL. **Hashtags Functions in the Protests Across Brazil.** SAGE OpenVolume 5, Issue 2, April 2015 © The Author(s) 2015, Article Reuse Guidelines. Disponível em: https://doi.org/10.1177/2158244015586000. Acesso em: 01/08/2025

RECUERO, RAQUEL. **Redes sociais na internet** / Raquel Recuero. – Porto Alegre: Sulina, 2009. (Coleção Cibercultura).

SOBRAL, ADAIL. **Do dialogismo ao gênero**: as bases do pensamento do Círculo de Bakhtin. Campinas: Mercado de Letras, 2009.

SOBRAL, ADAIL. Ver o texto com os olhos do gênero: uma proposta de Análise. BAKHTINIANA, v. 1, n. 1, p. 85-103: São Paulo, 2009.Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/3000. Acesso em: 10/09/2025

VOLÓCHINOV, VALENTIN. **Marxismo e filosofia da linguagem.** Tradução de Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2017.

Recebido em: 21 set. 2025
Aprovado: 27 ago. 2026